

UNIVERSIDADE FEDERAL DE DO RIO GRANDE DO SUL  
RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE MENTAL COLETIVA

Daniela Hauch Tassi

**VERSOS, CUIDADO E PRODUÇÃO DE VIDA**  
**Uma Autoetnografia Poética em Saúde Mental Coletiva**

PORTO ALEGRE, RS

2019

Daniela Hauch Tassi

**VERSOS, CUIDADO E PRODUÇÃO DE VIDA**  
**Uma Autoetnografia Poética em Saúde Mental Coletiva**

Trabalho de Conclusão de Residência ao Curso de especialização Residência de saúde mental coletiva para obtenção da especialização em Saúde Mental Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

ORIENTADOR: PROF. DR. MÁRCIO MARIATH BELLOC

Data e Local da Defesa: Porto Alegre, 21 de Março de 2019.  
Instituto de Psicologia-UFRGS

PORTO ALEGRE, RS

2019

Daniela Hauch Tassi

**VERSOS, CUIDADO E PRODUÇÃO DE VIDA**  
**Uma Autoetnografia Poética em Saúde Mental Coletiva**

Trabalho de Conclusão de Residência ao Curso de especialização Residência de saúde mental coletiva para obtenção da especialização em Saúde Mental Coletiva.

Aprovado em de Março de 2019

---

Márcio Mariath Belloc, Dr.  
(Orientador)

---

Ana Paula Genesini, Ma.  
(Parecerista)

PORTO ALEGRE, RS  
2019

## RESUMO

### VERSOS, CUIDADO E PRODUÇÃO DE VIDA

#### Uma Autoetnografia Poética em Saúde Mental Coletiva

Este trabalho trata-se de uma autoetnografia poética que propõe uma narração em cumplicidade com o leitor sobre a experiência do cuidado, gestão e participação em saúde mental. Uma história mais que contada, declamada, redobrada verso a verso. Falar sobre a produção de vida em um espaço-tempo nunca foi tão enriquecedor, onde o intervir em saúde mental também é delineado por arte e afeto, do qual produz subjetividade por todos que estão imersos a esta ação do cuidar e ser cuidado. O aqui e o agora, vívido e descrito, o sentido das coisas e da vida provocados através da ação, da não-ação, e reação. Buscando novas perspectivas sobre o olhar para a loucura de um usuário, quiçá de uma sociedade, ou até mesmo de si. Descobrimos e desvendamos produções e sentidos de um viver.

**Palavras-chave:** Saúde Mental. Poesia. Produção de Vida.

## **ABSTRACT**

### **VERSES, CARE AND PRODUCTION OF LIFE**

#### **A Poetic Autoethnography in Collective Mental Health**

This work is a poetic autoethnography that proposes a narration in complicity with the reader about the experience of care, management and participation in mental health. A story more than told, recited, redoubled verse by verse. Talking about the production of life in a space-time has never been so enriching, where intervening in mental health is also delineated by art and affection, from which produces subjectivity by all who are immersed in this action of caring and being cared for. The here and now, lived and described, the sense of things and life brought about by action, non-action, and reaction. Looking for new perspectives on looking at the madness of a user, perhaps a society, or even of themselves. Discovering and unveiling productions and senses of a living.

**Keywords:** Mental Health. Poetry. Production of Life.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	04
INTRODUÇÃO.....	07
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	08
NARRATIVA POÉTICA.....	09
CONCLUSÃO.....	48
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	49

## INTRODUÇÃO

Descrever sensações experienciais nunca foi tão conveniente  
de verso em verso a cada trama que se desenvolve  
acompanhada de café morno e rabiscos  
costuro meus desalinhos-desatinos.

Alinho com uma outra linha que é a da imensidão de ser um residente  
Residente que reside na casa da Saúde Mental Coletiva  
ou na casa Saúde Mental Espiral-Afetiva  
espiral que expira pelos poros o desejo da equidade social  
trabalhar com a insanidade de um usuário de uma comunidade ou sociedade?  
De qualquer modo os versos trarão reflexões e reflexos  
partindo para dúvidas, soluções-dissoluções-desilusões.

Para ser solúvel também é necessário ser fluído o que é que nós somos  
se não escoamento do processo antimanicomial do mal enrijecido.

Por isso minha principal arma é a poesia,  
com ela também se faz guerra deselencia munição com as próprias mãos da escrita.

Saude Mental Incondicional

há ainda muita coisa entre o bem e o mal.

Para lidar com os retrocessos da política criamos um campo de fuga e de acesso  
à um novo modo de pensar e agir sobre a loucura e seu devir  
sobre o cuidar se cuidar e ser cuidado.

## **Sobre a autoetnografia poética como metodologia**

Como reflexão que encerra um ciclo de profunda imersão na experiência do cuidado, gestão e participação social no âmbito da saúde mental coletiva, vinculada ao Programa de Residência em Área Profissional da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o presente estudo é consequência dos encontros e desencontros durante tal percurso. Sendo sua proposta pedagógica embasada no ensino em serviço, e justamente centrada nas práticas de saúde mental coletiva no âmbito do Sistema Único de Saúde, é essa experiência de cuidado, gestão e participação que tratará a presente reflexão. Mais especificamente, o foco aqui estará nessa dimensão da experiência das ações em saúde que Merhy (2002) nos ensinou a reconhecer como trabalho vivo em ato. Falo das tecnologias relacionais que se estabelecem e se constroem a cada encontro, a cada projeto terapêutico singular, a cada plano de gestão, a cada ação comunitária, a cada gesto de participação cidadã. Uma construção que serve de ponto de ancoragem e possibilita que as práticas em saúde mental possam se refundar a cada encontro, tal como Francesc Tosquelles (2014) já propunha ainda na primeira metade do século XX. Uma refundação que garante a pluralidade de possibilidades de ser-no-mundo, a reinvenção necessária para realmente produzir encontro com pessoas envolvidas, sejam elas usuárias, familiares, atores sociais, trabalhadores e gestores da saúde e das redes intersetoriais, e mesmo aquela pessoa que encontramos fugazmente pela rua, por exemplo, em um acompanhamento terapêutico, e que pode fazer toda a diferença para o processo de cuidado se sabemos colher da poética desse encontro as bases de criação cúmplice, como nos ensina Belloc (2005), de cidadania. Trata-se de uma ação cuidadosamente construída, de forma artesanal, tal como nos demonstram Merhy (2002) e Cabral (2011).

Neste sentido, já que se trata de tecnologias relacionais, parte extremamente importante desse processo reverbera e se dobra sobre os atores que promovem o cuidado, a gestão e a participação, sendo necessária uma reflexão sobre as práticas de si, tal como nos ensina Foucault (2003), destes operadores. Um certa hermenêutica do gesto protagonista em saúde mental coletiva. Sendo assim, no presente estudo, o que guiará as reflexões sobre esse gesto protagonista, é a escritura de si de uma residente em saúde mental coletiva. Trata-se do reverberação e redobra dessa experiência em forma de verso. uma coletânea



daquilo que o fazer em saúde mental coletiva produziu no corpo dessa residente, rasgou das veias da racionalidade e se configurou como poética dessa mesma experiência.

Desta forma, a proposta utiliza como base metodológica do a autoetnografia, que justamente tem como proposta a escrita de si. Descrevendo e analisando a própria experiência afim de compreender a experiência sociocultural. Isto é, experiência pessoal se faz valer no estudo e está inserida e imersa ao lugar, cultura, tempo, crenças, e contexto de um povo. A compreensão, investigação e experiencição torna-se tanto processo como produto de pesquisa. Assim, um pesquisador que se coloca a utilizar o método autoetnográfico utiliza conseqüentemente princípios de autobiografia e da etnografia (Santos, 2017). Para um melhor esclarecimento, também cita Santos (2017:241): “a autoetnografia pode ser reconhecida como metodologia científica e critica, capaz de desvendar, em sua maneira autorreflexiva, novos e profícuos caminhos para a pesquisa sociológica.”

Em meados a década de 1980 os pesquisadores de antropologia, sociologia, comunicação e estudos de gênero começaram a escrever e defender a narrativa pessoal, subjetividade e reflexividade na pesquisa, embora não houvesse o costume de utilizar o termo autoetnografia. Desta forma, rejeitando a ideia de que a pesquisa tem que ser de cunho “ideal de objetividade”, no final dessa década, os estudiosos começaram a aplicar o termo autoetnografia em trabalhos que exploravam a interação do introspectivo, do engajamento pessoal do “Eu” tanto como sujeito da pesquisa quanto pesquisador; das esferas sociais, culturais práticas e de crenças em torno das experiências. De tal forma que a autoetnografia concilia os pensamentos, sentimentos, identidades e experiência como resultado, que “...nos arremessa num circuito de tomada de sentido” que nos instiga “a perguntar, reconsiderar, e reordenar nossa compreensão sobre nós mesmos, os outros e nossos mundos” (Adams et al, 2015:47; apud Santos 2017).

Este método assume o papel de dar voz para quem descreve o estudo, como parte do mesmo. Deste modo a autoetnografia é composta por um equilíbrio triádico: transpassa pela análise (orientação metodológica), pela interpretação (orientação cultural), e reflexão (orientação do conteúdo-autobiografia) (Snyder 2015).

Vale destacar, se alguns pesquisadores ainda assumem que a pesquisa pode ser feita a partir de uma posição neutra, impessoal e objetiva, outros reconhecem que tal suposição não é mais sustentável (Denzin Lincoln, 2000). Neste sentido, a autoetnografia

mostra-se como uma abordagem que reconhece e envolve a subjetividade, a emotividade e a perspectiva do autor sobre o estudo.

Indo mais a fundo, este trabalho extrapola os níveis de conceito, trazendo à tona uma nova forma de dialogar com a escrita autoetnográfica. Como se trata da experiência do eu elencado ao todo que o rodeia, foi utilizado da autoetnografia poética. Escritas poéticas irão delinear o trabalho, dando ênfase ao subjetivo experienciador do presente, enquanto Residente de Saúde Mental Coletiva. Não se trata de descrever um lugar, se trata de como o fluxo itinerante do ambiente, do social, político, subjetivo, interprete, interventivo, se elabora. A poesia traz um toque sensibilizante e desencadeador do potencial reflexivo, possibilitando ao leitor brechas para uma infinitude do pensar.

Sendo assim, o convite é para não só ler, mas dar asas ao seu processo criativo, debruçar-se no estudo que se faz produto do jogo dos sentidos, para então conseguir(mos) falar da produção desses sentidos em um espaço-tempo, colocando-se enquanto próprio sujeito da experiência. O aqui e o agora, vivido e descrito, o sentido das coisas e da vida provocados através da ação, da não-ação, e reação.

Trata-se então de uma autoetnografia poética que propõe uma narração em cumplicidade com o leitor da experiência do cuidado, gestão e participação em saúde mental. Uma história mais que contada, declamada, redobrada verso a verso. Uma narrativa poética que, em consonância com Benjamin (1936; 1940), pretende escovar a história a contrapelo. Colher nos germes do passado, do vivido, a produção de uma ação em saúde mental que produza um agora. Um agora como uma ágora de versos, produzindo uma reflexão plural, tão necessária para a constituição da liberdade e de cidadania, tal como aprendemos com Arendt (2007). Assim, propomos um autoetnografia poética como uma reflexão em saúde mental coletiva, prene de produção de vida e cidadania.

## Ser fênix

Mirabolando planos dos quais te inclui  
se a expectativa é inimiga da experiência  
como a imaginação consegue dar forma a realidade?  
inesperada-mente imagino  
incansável-mente sonho  
insaciável-mente vivo  
pedem para separar imaginação do real  
como se fosse possível.  
Dos sonhos e lou(curas) sai uma composição  
dessa vez, é sobre mim  
ir com sede as expectativas e dar de cara com o anonimato'  
Não possuindo pressa.  
Não perdendo tempo.  
Me hidrato com subsídios de dentro  
ignoro ruídos  
transbordo fluídos  
transbordo-borda,  
borda criada para dar conta dos delírios do eu-lírico  
através do subjetivismo  
o abstrato como substrato que vira abrigo  
de uma existência que se faz com consciência.  
Coragem, mulher!  
Dona de seus sonhos e do poder que advém deles.  
Não esqueçamos nossas trajetórias  
muito menos nossas derrotas  
pois só vence  
quem sabe ser fênix.

O trabalho em saúde mental coletiva requer um certo reinventar-se a cada dia, a cada encontro com os atores envolvidos, usuários, trabalhadores, gestores, um transeunte, o dono do bar, o cobrador do ônibus. Esse fazer militante que nos apresenta Fagundes (2006) e que está intimamente ligado ao próprio conceito de saúde mental coletiva. Uma reinvenção que Tosquelles (2014) considerava necessária à própria prática cotidiana no amplo da saúde mental, identificando nessa reinvenção do próprio fazer ao encontro da singularidade do outro, uma função poético terapêutica. Belloc (2005) salienta essa função do ato criativo no âmbito do cuidado, como uma necessária função de criação de outras formas de se colocar no mundo. É dizer que a transformação não se dá só no usuário quando se estabelece um trabalho terapêutico em saúde mental coletiva. Transformamo-nos juntos, trabalhador e usuário.

Para tal, é preciso desbravar o existir a partir de um entendimento de si. Tecer a própria linguagem no mundo a fim de se reinventar, de se reconhecer e construir um ciclo que conte com o empoderamento não só do usuário, mas da nossa capacidade empática, de nossos próprios afetos. Renascer das cinzas de nossas próprias idiossincrasias que se incineram quando indagamos nosso entorno, nossos modelos explicativos (Kleinman, 1980) sobre o sofrimento do outro, nossos saberes de especialistas sobre o sofrimento do outro, a partir justamente dos saberes profanos, como nos ensina Correa-Urquiza (2014). Quando colocamos o saber oriundo do próprio padecimento em saúde mental no mesmo nível de importância e validade que o nosso saber, transformando impróprio ato do cuidado numa ação de cidadania.

## **Riscos**

Arrisca-se falar de seus desejos?

Arrisca-se olhar para seu medo?

Arrisca-se reconhecer seu zelo?

Arrisca-se preencher seus vazios?

Arrisca-se recompor com dádivas?

Arrisca-se tornar o imaginário real?

Arrisca-se fazer da solidão um lugar abrigável?

Arrisca-se fazer de si protagonista de sua vida?

Arrisca-se emoldurar sua história?

Arriscar-se nas horas certas

Não é cometer riscos

É enfrenta-los

(eles sempre estiveram aqui).

Monalisa iniciou Acompanhamento Terapêutico no CAPS desde que seu apartamento incendiou, há um ano atrás, a mesma não se sentia mais segura de dar conta da sua vida nas atividades de vida diária básicas. Além de muito angustiada e deprimida, não se permitia ir ao supermercado, comprar roupas novas, conversar com o outro, por receio de fracassar, de colocar fogo em qualquer relação que obtivera. Através do AT, Lisa se reinventou, arriscamos juntas no atravessar a rua, no tomar um café na padaria da esquina, no comprar roupas nos brechós encontrados na rua João Pessoa. E a mesma, começou a fazer valer a sua voz na conversa com a vendedora do brechó, no desejo de tomar café no Brick da Redenção, o que nunca antes tinha experimentado. Fez ligações a imobiliárias em busca de um novo lar, inclusive a acompanhei nos processos de escrita de e-mails para alugueis de apartamentos. Deste modo, eu participava desta intervenção através do AT apenas como suporte, como ponte incentivadora na tomada de riscos, riscos de quem vive, risco de quem é protagonista da própria vida, novamente.

O maior risco é ter sua vida, sua própria história, aplastadas por uma definição prévia, seja científica ou pelo senso comum. Seja um diagnóstico, seja simples medo preconceituoso. Quando o cuidado se torna escravo desses pré-conceitos, tal como assevera Belloc (2011), quando o sujeito é alienado de sua própria história em função de uma definição prévia de seu passado, presente e futuro — o historial clínico, o estado atual e o prognóstico —, se opera uma espécie de burocratização clínica dessa pessoa. já não vale mais sua singular forma de ser-no-mundo e sim a interpretação biomédica ou mesmo psi da sua experiência. Uma burocratização tão terrível quanto a identificada por Arendt (1999) no conceito de banalidade do mal, de transformar pessoas em coisas, números. De reificar a vida e fazê-la rodar na máquina burocrática, no caso da análise arendtiana, de extermínio nazista. No nosso caso, em um holocausto a conta-gotas sem mesmo precisar dos muros do manicômio, que mata subjetividades no mercado milionário da indústria da loucura.

Neste sentido, o processo de cuidado passa necessariamente por se reinventar fora dessa burocratização do trabalho sistemático, afim de intensificar o olhar singular nos pequenas e simples detalhes do cotidiano, em cada gesto, na micropolítica do cuidado,

como define Merhy (2002).A solidão abrigável, então, como essa dimensão da humildade em relação ao discurso do outro, o ponto de encontro na singularidade.

~~Resposta de af... ..~~

Todos os nomes no decorrer do trabalho são fictícios com o intuito de proteger a identidade de cada usuário.

Moeda capitalista de troca

insipida e inodora

valores comerciais

sentimentos irrealis

com desejos materiais

e lá se vai mais um ponto para a corrupção

escorre sangue pela nação

há gente que prefere a abstenção-abstinência

falta de paciência com toque de prepotência

para lidar com o que é do outro

para lidar com o que é novo

para lidar com o que foge

Foge!

Foge da raia foge do abismo foge do comodismo

dos paradigmas e da murmurinha

idealizações de uma vida bem vivida

sem se dar conta que a qualidade

vem da maturidade força de vontade de intensidade no relacionar-se.

Como pode avenidas cheias de pessoas vazias

não se olha não se cruza não faz acontecer

arrogância dos míopes

e os humildes é que são medíocres

tem algo de errado nessa época

vou escrever mais um poema pra dar conta de quem quer estar junto

de quem corre no escuro

em busca de apuros

Há uma luz que se encontra com a minha  
vamos encontrar nossa linha e  
fazer dessa vida menos ladainha.

Em uma escola para pessoas em situação de rua as marcas de um sistema alienante vem esboçadas por esses estudantes através de cicatrizes de tiros de bala, magreza de corpos que passam fome, sorrisos com banguelas de bocas que utilizam do fumo e do álcool como válvula de escape, fuga de sua condição de vida. Quem ousa a julgar quem veio da rua? Se constrói laços de valores através do afeto. O estudante que mora na rua antes de estudo precisa de mínima dignidade, uma vez que pra ele é oferecido um banho antes de entrar na sala de aula e um café da manhã para saciar sua fome. Aposta como moeda de troca, assim como fazer do coletivo horizontal, equidade. Olhando para vulnerabilidade social com empatia ao invés do estigma. Césinha vive na rua, e nas idas e vindas das avenidas, perdeu sua identidade assim como restante de sua documentação e roupas; marcamos um horário oposto a sua aula para eu acompanhá-lo até o Tudo Fácil (serviço que responde a documentação de registro) uma vez que este apesar de morar na rua, não tinha autonomia o suficiente pra reconhecer seus mínimos direitos e desejos, neste acompanhamento ele não faria só uma nova identidade, mas também recuperaria a sua Identidade perdida, ou seja, direito de ser cidadão, se enxergar como.

Fugas pela noite das milícias neofascistas portoalegrenses, ou mesmo da polícia, fuga dessa invisibilidade engendrada socialmente para quem está em em situação de rua (Silva Jr, Belloc, 2018). Humanos menos humano, tratados como resto, o que sobra do consumo e atrapalha a maquina económica. Se consome definições de bom e ruim, definições do que deveria ser a vida do outro, se consome normal e anormal. Por isso foge-se do que se constitui como alienação, como ideia de um falso controle do sistema, o modelo opressor que constrói muros, segregadores sociais, de modelos auto impostos, dos estigmas, e auto estigmas. Foge.



## **De queimaduras a negações**

O gelo também queima  
até os mais frios sentem  
quem é você  
que paga pra ver  
mas se nega a explorar.

Serviço de geração de renda e economia solidária, pessoas que chegam neste sem perspectiva de vida nem de trabalho, justamente por sofrerem preconceitos por transportarem um diagnóstico de transtorno mental, mercados de trabalho tradicionais acabam por não ofertar empregos. Sendo assim, neste espaço reconhece as habilidades de Juan e de Valentina para dar forma a um novo contexto de vida e de trabalho. Deixando de lado seu diagnóstico e fazendo valer seu potencial criativo, seja em uma oficina de encadernação de agendas, na serigrafia de camisetas, costurando bolsas, fabricando velas, criando. O dinheiro vem como reconhecimento de um trabalho digno e como estímulo e possibilidade de reconhecer-se dentro do contexto de trabalho, através da reinserção social.

## **Ser chama**

A linha tênue

Entre o pensar e ser

Pensar-retroceder-evoluir-SER.

Cultivar os pensamentos

Mas não ser escravo destes

Como consegues se descrever com fontes fidedignas

Se transformastes a cada segundo e sensação vivida?

Se descrever pode te limitar,

Apenas seja.

Ou te é temeroso a falta

De definição sobre você mesmo?

Como temer esta chama

Que ora queima forte e ora é brasa,

acesa, sempre.

Apagar essa chama é causar fumaça

E você nasceu pra ser incêndio, o próprio fogo a

Iluminar

E destroçar.

Penélope participava do grupo de convivência do CAPS, entrava em crise toda a vez que tentava falar dela, no pensar sobre si desencadeava choros ininterruptos e tremores em todo o seu corpo. Nossos saberes especialistas causados no encontro com os saberes dele sobre selou próprio padecimento explicam que eram em função de sua produção delirante. Desta forma, se fazia necessário não se aprofundar em assuntos dos quais a mesma não tinha solução, e sim, se reinventar entendendo que apesar de seu sofrimento e oscilações de humores, ainda havia espaço para viver no presente ao invés de cavocar nas armadilhas do passado. Considera-se seu diagnóstico do humor bipolar mas não o fez principal componente de sua estrutura de vida. Hoje, vai ao grupo, fala de si sem precisar se aprofundar no sofrimento, e ainda, neste grupo criou a tradição de fazer um piquenique onde Penélope sempre contribui com suas falas às mulheres que estão em busca de empoderamento, ajudando-as e se reafirmando enquanto dona de sua vida e suas ações, independente as vozes que acompanham sua mente.

Iluminação e destroços. A intenção de usar o empoderamento é para uma prática reflexiva com objetivo de ser construído e adquirido com o tempo, do qual é preciso ser fortificado cotidianamente para que efetivamente o aconteça. Apresenta-se como uma estratégia de reinserção social das pessoas com sofrimento psíquico. Não se constitui como de posse de uma pessoa que pode, assim, conceder a outros. E sim, uma prática que produz uma maior percepção, fomenta a liberdade da capacidade de escolha e tomada de decisões, do desenvolvimento da participação social (Cabral, 2011).

## **Arte eu-você-nós**

É maleável

variável

inesgotável

ambivalente.

ARTE...

É a capacidade de alguém que sente

Entre a razão e imaginação

encontram uma função

harmônica de se conversar.

Um misticismo simbólico

virando concreto aos olhos

de quem vê

Aos olhos de quem

consegue enxergar;

É quando eu-você-nós

entendemos

A mesma coisa

Alguma coisa

A expressão da coisa

ou coisa nenhuma.

Esta coisa sem definição

chamada de

ARTE.

Maleável

Variável

Inesgotável  
Ambivalente.

Grupo “chuveiro” da Equipe de Saúde Mental, não apenas um grupo de convivência, mas um grupo de construção, utilizando o fazer como principal estratégia terapêutica. É arte quando, Estrela que não obtinha autonomia nem independência, aos 37 anos com diagnóstico de esquizofrenia e disfunção intelectual, passa a pintar pneus, os decora e os prega na parede cinzenta onde não tinha vida. Assim como também faz arte no fazer coletivo, com peças de guarda-chuva, uma costura ali, outra costura aqui, transformando uma saia para o desfile de modas da qual a mesma a desfilara, o fazer terapêutico como criação artística, sem hesitar.

Autonomia nos pequenos gestos e “formas” banais da existência que, numa perspectiva utilitária ou racionalista, talvez não tenha finalidade, mas que não deixam de ser plenas de sentido, do próprio fazer singular que integra-se dando forma e vida ao todo, a potência coletiva cria uma obra de arte: a vida social em seu todo, e em suas diversas modalidades. Kant ajuda a pensar neste caso sobre a estética — que vem do grego **aisthesis**, que significa sensação, percepção por meio dos sentidos — sendo atribuída menos sobre o objeto artístico como tal e priori, e mais sobre o processo que me faz admirar este objeto. Aliás quem pode dizer que a confecção de uma mandala ou de uma cerâmica produzida por um sujeito inserido em uma oficina de contexto saúde mental não seja arte? Arte também sendo utilizada para dar conta dos pequenos gestos de cuidado, do fazer, do intervir, o criar e recriar-se a si como uma proposta artística, sem esperar nada em troca, exceto a produção de sentidos que esta considera.

## **Compreendência**

Os pequenos e singelos

Movimentos

Nuances do ar e da Fala.

Fala...?

Equivocada!

Rasgada!

Que confunde cuidado com controle

Eu não quero

Controle

Com-trolar

Trollar

Eu vou te trollar

Até que se a veja

E resgate a essência dos detalhes

Que me faz diferente

Única, singular

mas no fundo

tão qual como você, humano da vez.

Por favor não se espante

Nossos contrastes nem são tão gritantes

talvez pedirei desculpas pelos meus esparramos

Mas também me de licença

menos displicência,

mais complacência

e espero que parar chegar a compreendência

não te vire ofensa.

Quando uma reunião de equipe torna-se um lugar centralizado e profissionais passam a não se escutar, automaticamente, não escutando a demanda real dos usuários também, e, conseqüentemente debatendo propostas de tratamento a partir da doença. A mesma burocratização da vida que vimos, com Arendt (1999) e com Belloc (2011), produzir uma colonização da experiência do sujeito por uma definição prévia, não opera só em direção ao usuário. As armadilhas do discurso biomédico hegemônico (Menéndez, 2003) estão postas também para aprisionar os trabalhadores na coisificação do seu próprio fazer. A reunião de equipe tem papel importante no acolher angústias dos trabalhadores, pois não é tarefa simples carregar a demanda de responsabilizar-se pela saúde dos outros, construir projetos terapêuticos e acompanhamento de casos singulares, não esquecendo que a pessoa que está ali possui de um nome e sobre nome. O raciocínio, enfatizando a importância destas reuniões, como local de acolhimento das frustrações e anseios, pois os profissionais passam por momentos de desgastes dentro do serviço. Existe uma cobrança por parte da produtividade (acolhimento de todos os casos), e por outro lado, a qualidade; responsabilização e cuidado com o caso. Por isso, “trolla-se” quem utiliza o gelo que queima como proposta terapêutica, ao invés do afeto.

Como em compreensão, fala-se também da construção do estigma, atravessando as possibilidades de cuidado. Exemplo: ainda em um debate da equipe sobre o relacionamento entre dois usuários de uma forma crítica, como se a relação amorosa fosse um sintoma. É de grande valia refletir sobre a existência de risco que existe de serviços assumirem práticas totais, camufladas de práticas libertárias de saúde em céu aberto. Por isso é necessário os trabalhadores estarem constantemente em análise, repensando seus conceitos, articulando saberes, e, fundamentalmente retomando os direitos destes usuários.



## **Menos humano**

Impulso e repulsa  
gente que no silencio expulsa  
qualquer forma de afeto  
com o desconhecido.  
Vejam que horror  
um louco falando de amor!  
Sua voz perturba.  
Seu olhar estigmatiza.  
Por que é tão difícil ter empatia?  
Descarta-se a possibilidade de união  
segregar segregar segregar  
onde é que vamos parar  
luxúria robótica.  
O humano (menos humano) da vez.

## **A falta resultante escravos do excesso**

Sentir-se entre a cruz e a espada.  
O vazio do medicamento e  
o desafio de descobrir o sintoma  
Qual será a causa da dor que se provoca  
Há quem substitua água por álcool ou  
Regula nas doses de aspirina ritalina fluoxetina  
Todas as resinas  
que ficam viram pó  
viramos escravos de jó,  
em uma tal de carnificina.  
Sendo escravos de todo o excesso  
que produz a falta  
falta da fala  
excesso de pressa  
falta de cidadania  
excesso de jaulas  
confeccionando bonecos  
e chamando isso de aulas  
e ainda dizem  
entre, sejamos bem-vindos  
ao Alienismo.  
Mas pera!  
Tem algo errado em dizer que cuidar é fazer  
do outro um objeto

ouçamos o ousemos  
cuidando antes do próprio ego.

Dentro de serviços substitutivos ao manicômio, escutar falas de profissionais de saúde mental que abordem a internação de usuários que chegam em crise, não condiz com o pensamento que preconiza a reforma psiquiátrica, muito menos a condição humana. As vezes depara-se com pessoas dentro do trabalho que se mascaram com suas receitas, com seus jalecos, uma forma de abordar possíveis atuações que não vão ao encontro com o mesmo viés de trabalho, é indagar ao invés de confrontar e causar discórdia. Uma vez observado que na assembleia de usuários, todos os usuários precisam levantar a mão para falar, exceto você que pode atravessar a fala deles, por que isso acontece, faz parte do processo terapêutico? É possível que nós enquanto trabalhadores também possamos comportar essas regras de fala? Ou que tal todos terem o livre arbítrio de falar contando que respeita a ordem das pautas estabelecidas na ata?

A sutileza de uma reflexão interrogatória move montanhas, inclusive assembleias. Válido destacar que a assembleia de usuários do serviço e de familiares é um dispositivo presente desde a reforma psiquiátrica e tem como proposta articular o funcionamento da instituição, fazendo uso da escuta coletiva, de projetos de vida e de reivindicações (CAMOSSA; CARO, 2009). Constitui-se como um espaço para articulação dos saberes, um espaço conveniente para o diálogo de forma horizontal, assim como, para o pensamento no plural característico do campo da política. A assembleia resulta então num ambiente de produção simbólica, a partir da comunicação e da capacidade de ação em conjunto, de construção social da Lei, sendo uma produção de relevância na sociedade que propicia a alteridade, além, de pensar e articular ideias a partir da posição do outro (SOUZA, 2009).

Já vimos com Merhy (2002) e com Fagundes (2006) que é na micropolítica do cuidado que se decide a produção de saúde mental coletiva. Podemos ainda pensar junto com Basaglia (1987), que podemos produzir opressão e vulnerabilidade em cada gesto, produzir crimes da paz como definia esse autor. Ou atuar a partir dos nossos manicômios mentais, como definiu Pelbart (2001), quando essa face do horror e da exclusão produz o

humano-menos-humano na subalternização da possibilidade de fala da pessoa diagnosticada.

Neste sentido, conceito que causa inquietação, é o de normalidade, a busca pela adaptação das pessoas ao que é mais “saudável” afasta os serviços de saúde dos modos de andar a vida daqueles a que se dirigem ao cuidado. A normalidade é uma normalidade questionada, assim como os remédios usados para estabilizar a loucura dentro de um mundo capitalista onde se fabrica a doença, se fabrica um conjunto de sintomas e também se fabrica a cura destes, como o fármaco. Uma vez sabendo que a construção do anormal e normal é absolutamente social, e é neste caso que se faz necessário escutar e ousar para enfrentar o modelo biomédico hegemônico, a alienação dos gestos, no detalhe e nos nuances.

### **Alívio que dói**

Se por venturas me machucar

A dor virá com um suspiro de alívio

UFA!

Descobri onde dói

agora hei de me salvar.

A definição de um diagnóstico e o tratamento baseado em receitas medicamentosas, a escuta atravessada de quem não ouve exceto o sintoma, as vezes ficam explícitos e inconscientes dentro de um trabalho rotineiro. Porém, para a efetivação do PTS os técnicos de referência do CAPS são os responsáveis, junto com os usuários, no monitoramento e ajustes necessários para o tratamento; revisão das metas traçadas, debatendo sobre o mesmo com a equipe técnica do CAPS, usuário e família. Neste momento, os técnicos podem se inteirar da história de vida do usuário, história clínica da doença e acompanhando da sua atual situação, além de, constituir vínculo para que a construção não seja verticalizada e iatrogênica (MORAES, 2012), mas instituída através da confiança, do diálogo e da escuta qualificada. Descobrir o que dói no outro, descobrindo o que dói em mim da dor do outro. Não se fundamenta um Projeto Terapêutico Singular só no saber do especialista, sem ir ao encontro do que de fato o outro necessita.

### **Íntima canção**

Dias que o palpitar do coração não angustia  
é a melodia mais franca e crua  
que eu consigo ouvir  
sobre mim.

Belchior recebe atendimento na Equipe de Saúde Mental com o intuito de escuta qualificada para dar conta de seus anseios do cotidiano, válido dizer que este também é músico. Compareceu um dia no *setting* terapêutico confuso e diz “estar xarope”. Sugiro para que me fale mais sobre esse sentimento, o mesmo não consegue se expressar, mas diz que sente muitas coisas, inclusive angustiado, preocupado com a atual situação do país como um todo. Logo, eu o alcanço um papel e uma caneta, e peço para tentar compor tudo aquilo que sente, através da escrita. O mesmo não só compõe como também toca esta composição no violão (que deixo presente dentro do *setting*), sai da intervenção não só mais estável como também com sua nova composição e fazendo desse sentir, uma melodia. Depois de batalhas, de choques, se reconhecer. Florescendo uma prática de si.



### **Sentidos de um corpo**

Quantos não ditos são possíveis de caber dentro de um corpo

será que vão para o espaço

ou acabam por afogados?

certo alguém me pergunta "onde eu estou"

é na mente - no corpo - no que já foi - no que virá

onde eu me encontro com meu corpo?

corpo casca

corpo armadura

corpo expressão

corpo objeto

corpo brincante

corpo sendo apenas um mecanismo delimitador do Ser e Estar-Instante

se procurar encontrar nele não acharas

é mais fundo

não há espaço para apontar

há espaço para percorrer

corpos que se usam

corpos que se cruzam corpos que se chocam

corpos que se laçam e lançam

não é mais um agora é plural  
porque as relações perpassam a camada superfície terrestre  
quantas milhões de sinapses de elétrons são precisas  
até que o ser humano possa acreditar na força da magia dele mesmo  
provocarei conexões energéticas com o toque da pele  
com o balbucio da fala nas despedidas tortas  
nunca se sabe o fim até que o haja através da lembrança  
trazidas com o corpo  
com o desejo  
com a história  
com o significativo que se comprova  
que foi verdadeiro que existiu-existir-há de vir  
sem receios nem preceitos  
o corpo como referência material do Ser  
tratar bem  
sem virar refém.

## **Borda em mim**

Construir uma borda para a loucura  
Através do subjetivismo  
Residência-resistência-renascença.  
Não precisei doar de mim  
Precisei entrar em mim  
Dos processos que se costuram  
Das histórias esbarradas nas ruas  
nuas e tão pouco justas  
ou dentro do setting terapêutico  
terapêutico-terapeutizado  
traumatizado.  
A burocracia que existe nos espaços  
que não me dizem nada  
nada que produza um sentido  
um sentido através da ação do sentir  
deve ser por isso que o residente vaga por aí  
querendo ressignificar o jeito

de ouvir-olhar-intervir.

E se for falar de conceitos para então assim reconhecermos o valor das coisas e da existência, utilize do conceito de *Interseção*: o que dois corpos, sem se tocar, através da energia conseguem provocar um no outro. Sejam estas provocação positivas, ou negativas. Onde se pode relacionar este cruzamento dos corpos sem se tocar, num âmbito e contexto mais extenso, com o da institucionalização, refiro-me neste caso, sobre a *institucionalização do cuidado*: quando se fala em institucionalização, não se trata apenas a práticas segregadoras e isolacionistas de tratamento, mas também aos efeitos da tomada do sofrimento psíquico, ou seja, da técnica e conduta. Onde o usuário vira submisso as prescrições de normalidade sem a constituição de vínculos terapêuticos que garantem o cuidado integral. Desta forma, o modo de frear este tipo de conduta é constituindo dentro do trabalho o subjetivismo como borda para a loucura, o cuidado através dos pequenos e sutis gestos do cotidiano no expresser afeto, no intervirmos com coragem.

### **Enraizar-se-em-si**

Esgotar-transbordar  
Transbordar e (res)significar  
significar o fazer  
preencher e tecer sem temer  
assim (re)descobrir  
que os medos são murmúrios  
e não merecem muitos vislumbres.

Res-  
pirar.

Mostrar na ação.  
Expressar-expressão  
uma forma de saudação  
que seja então a Gratidão.  
Propensão do Enraizar-se-em-si  
que movimenta os sentidos  
o realizar que realiza  
respira,

no aqui e no agora.

Respira.

Nova-Mente.

### **Ousadia**

A escolha é uma sentença

Que mora no lado do medo

Mas em sua casa

Há vida própria

Eu escolho ousar

para não morrer em becos.

É possível extrapolar as noções pré-conceituais, estendê-las ao conjunto da vida social. É necessário pensar e fazer arte, e não a reduzir a arte apenas as grandes obras arquitetadas, qualificadas, e geralmente culturais. É toda a vida cotidiana, do ir e vir, do expressar-se, que pode se considerar, uma obra de arte. Como exemplificações, o ato culinário de um grupo terapêutico, o jogo das aparências, os consideráveis momentos festivos, as deambulações diárias de um acompanhamento terapêutico, os lazeres, o semear a terra de uma oficina de horta etc. não podem mais ser considerados como elementos sem importância ou frívolos da vida social. Enquanto exprimem as emoções coletivas, eles constituem uma verdadeira “centralidade subterrânea” como diz Maffesoli (1996): um irremovível querer viver, que convém analisar.

### **Alinhamento dos sentidos/Chakras**

Constatar os astros  
energizar-se com a natureza  
energia que vem com destreza  
da maestria vital, kundalini universal.  
invocar nossos ancestrais e  
acreditar na força atrativa  
espiritualizar-se  
convocar seu orixá-meditar-orar  
seja qual for a abordagem  
qualquer é válida  
mas nenhuma é exclusiva  
pois o poder genuíno  
é implícito-empírico  
encontre-se.  
Da alegria que vem de dentro  
para fora.



O estágio eletivo da residência de Saúde Mental Coletiva em Fortaleza-Ceará me permitiu aprofundar no estudo e experienciar as Práticas Integrativas e Complementares (PICS). Tais práticas como massoterapia, meditação, reiki, constelação familiar, banho dos sons, entre outras, tem como objetivo o cuidado de si como fonte da própria cura, através da meditação por exemplo. a prática reitera o adentramento em sua profunda consciência — contraposto a medicalização — como condição terapêutica e de vida, e a partir deste adentramento na consciência de si, dimensionar no cuidado com os outros, como educação popular. Assim o cuidado torna-se fluxo, a partir do momento que a pessoa é cuidada ela também pode ofertar o cuidado. Partindo da prerrogativa “cuidar do outro é cuidar de mim”.

De modo geral, as Práticas Integrativas utilizam recursos terapêuticos despojados tecnologicamente, por exemplo, plantas medicinais, massagem, agulhas (como acupuntura), exercícios de respiração, práticas corporais e meditativas, orientações para transformações nos hábitos de vida, etc. (ANTUNES; VALÉRIO, 2018) Valorizam o vínculo terapeuta-paciente e uma escuta acolhedora, não tendo em vista propriamente curar determinada doença, mas contribuir para que o sujeito viva de forma harmônica em relação consigo, com os outros seres e com o planeta (POZATTI, 2007; LUZ e BARROS, 2012)

A concepção do Ser trazida pelas Práticas Integrativas pode contribuir para a ampliação da concepção de sujeito e do processo saúde-doença que existe atualmente. Na realidade, ela tenciona a transformação da nossa cosmologia materialista, baseada na física newtoniana, para uma cosmologia baseada na física quântica (ANTUNES; VALÉRIO, 2018). Essa concepção desmonta a compreensão materialista de que o universo é uma máquina composta apenas por matéria, propondo que este é formado por quatro campos por meio das funções da consciência estudadas por Jung: material (através das sensações vivenciadas pelo corpo), vital (explorados através das nossas emoções), mental (através do nosso pensamento), supramental (através de nossa intuição, seja por sonhos, meditações ou forma espontanea). Esta perspectiva afasta o fantasma do misticismo que muitas vezes é colocado sobre as Práticas Integrativas, permitindo uma integração entre estas e a ciência (GOSWAMI 2009 apud ANTUNES; VALÉRIO, 2018).

### **Brincantes enozadx**

Às vezes eu acho a gente  
uma equação  
cujo resolve-la se torna  
mais prazeroso do que  
o próprio resultado.  
Mas simplificar não significa  
perder a intensidade  
Dessas duas almas brincantes  
entusiasmante-amantes  
da lua do sol e do céu  
na brisa que oscila  
entre o prazer e o desprazer.  
Impossível não se afetar  
com nossos afetos

o que nós somos viram em ecos  
impressão é que esse resultado é infinito  
que poderia beirar ao limbo  
se não fosse pelo meu romantismo  
optando a comparar a dois oceanos  
que desaguam nos mais variados  
lugares-espacos-intergalácticos.  
As águas que se entrelaçam  
ora vira boia ora vira mergulho  
ora acorrentando sob a correnteza  
fazendo dessas profundezas uma Fortaleza  
nós...  
enozadx.

### **Encontros descobertas**

Quem se impõe descobre  
E quando se dispõem encontra  
Encontros e descobertas  
Me encontrei em ti, descobri em mim.  
É tipo bate e volta.  
O vem e vai.  
O espelho da troca.  
A união de um sentir  
O sentir que nos transforma.  
Os processos, são singulares  
A resiliência, a mesma.

### **Magia no caos**

Entrelinhas da paixão  
revigora o coração  
faz do encontro uma canção  
no singelo a devoção  
do esforço dedicação  
no peito ebulição  
nas palavras solução  
no tic tac do dia a dia  
dias que não quero acordar quando o relógio desperta  
mas o que entra em cena é a sensação  
de achar magia no caos  
da experiencia fazer lição

as cicatrizes servem para delinear nossas histórias  
mas só o brilho dos teus olhos faz delas  
peculiar  
peculiar-mente peculiente  
intigante  
mente que expande.

Romeu teve seu neto mais novo, que o acompanhava nos seus jogos de futebol e churrasco de domingo, assassinado dentro do morro em sua vila onde mora, por uma gangue que estava eliminando traficantes de drogas que não fizessem parte da mesma facção, no caso, seu neto que vendia drogas. Não obstante, Romeu sofria ameaças da gangue para com sua família, muito aflito não conseguia aceitar a morte de seu neto, obtinha um medo misturado com um profundo desejo de vingança. Semanas passavam e Romeu continuava com suas angustias, até que a costura baseada na intervenção através da fala começou a fazer sentido, Romeu não mais vinha sozinho, uma vez sugerido para o mesmo trazer sua esposa para fazer parte do atendimento, deste modo, o reconhecimento de valores familiares ainda existentes foi se reconstituindo. O processo de luto foi desencadeando em novas virtudes, ressignificou este trauma a partir de um ambiente dentro da comunidade onde possa fazer valer o dialogo da vizinhança, com churrasco, e construindo, com sua própria mão de obra um anexo em sua casa para que seus filhos o pudessem o visitar com segurança. Ao invés da vingança, deu voz a seu instinto protetor, precavendo os demais através do afeto e do cuidado, e os deixando longe do tráfico e perto

do trabalho digno, e transformou essa vingança em justiça comparecendo as audiências do fórum, conseguiu reconhecer seus novos desejos e agora trabalha como pedreiro com seus filhos para por seguinte conseguir viajar com sua família para a praia.

### **Desejo expansão**

Se eu refletir sobre mim  
acabo por perceber que o caos no mundo  
pode vir através das perspectivas consideradas  
se dentro eu adotar  
consciência  
fora eu distribuo sutilezas  
uma calma selvática  
para dar conta do meu desejo  
de expandir.

Desbravei lugares dentro  
conheci sentires

que nem pensei  
que fossem meus  
-Isso tudo sou Eu?  
GRITO.  
Me abraço.  
Me recomponho.  
Exponho.

Tudo que a gente abriga e que pode virar abrigo - ao mundo que merece saber.

A empatia se faz nítida para a sustentação do cuidado em saúde mental. Não importa o quão racional somos; as afinidades, os afetos, o apreço do sujeito com seu ambiente natural, com um contexto abstrato, o ambiente comunitário, o socializar-se com o outro, consigo mesmo e com o mundo é o efeito de se fazer existir, de estar vivo. Não é ser intenso ao falar de solidariedade; emoções; paixões; repulsos; atrações; conexões; é ser humano. Mantem-se a inquietude como meio de existência e também de resistência, como motor para a mudança do discurso hegemônico dentro de espaços de saúde.

## **CONCLUSÃO:**

Muitas visões foram constituídas com o coletivo-residência

Eu singular transformava o aprendizado em cuidado afetivo-experiência.

Das vulnerabilidades existentes nas estancias de poder, até chegar a periferia

eu nao seria mais uma

eu nao resistiria ser mais uma

mais uma só se for pra fazer a diferença.

Dotada de crenças sobre o que é intervenção em saúde com a intenção

de desmistificar-desmembrar a perspectiva de tratamento.

No que tange a zona de conforto

saibamos que cuidar do outro não é fazer esforço

é fazer-se entorno ao alvoroço obra prima do viver nesta ciranda que é a vida

Entendendo então que o preconceito é pré-conceito de um conceito vazio e estúpido

por aqueles que não se permitem sentir arrepios.



Salve-se quem puder quem quiser  
e quando SALvar  
lembra do gosto do sal do mar  
que deixa explícito que quem entra na água se molha.  
Há um pouco de loucura minha na loucura do outro  
E preferível viver do espontâneo e estranhismo ao manicomial.  
Itineramos, somos pergaminhos do nosso próprio caminho  
Escolhendo ser des-concertantes do que ficar na estante.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- ADAMS, T. ELLIS, C. JONES, S. Autoethnography: Understanding Qualitative Research Series. New York, NY: Oxford University Press, 2015.
- ANTUNES, D. VALÉRIO, M.P. Práticas integrativas e saúde coletiva: conflitos e convergências do global ao local. Rio Grande, RS: Ed. da FURG, 2018.
- ARENDRT, H. A condição humana. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- \_\_\_\_\_. Eichmann em Jerusalém: um rosto sobre a banalidade do mal. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1999.
- BASGLIA, F.; ONGARO F. B. (Org.) Los crímenes de la pas: Investigación sobre los intelectuales y los técnicos como servidores de la opresión. Cidade do México: Siglo Veintiuno, 1987.
- BELLOC, M. M. Ato Criativo e Cumplicidade [Dissertação]. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.
- \_\_\_\_\_. Homem-sem-história. A narrativa como criação de cidadania [Tese]. Doutorado em Antropologia. Universitat Rovira i Virgili, 2011.
- BENJAMIN, W. O narrador (1936). In: Benjamin W. Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Editora Brasiliense S.A.; 1987.
- \_\_\_\_\_. Teses sobre filosofia da história (1940). In: Benjamin W. Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Editora Brasiliense S.A.; 1987
- CABRAL, K. V. Artesãos da Saúde [Tese]. Doutorado em Antropologia. Universitat Rovira i Virgili, 2011.

- CAMOSSA, D. A.; CARO, S. M. P. Assembleia de usuários do CAPS: uma proposta de Educação Sócio Comunitária. Rev. Ciências da Educação. p. 465-480, Unisal, 2009.
- CORREA-URQUIZA, M. Radio Nikosia: la rebelión de los saberes profanos. Barcelona: Waldhuter, 2014.
- DENZIN, N. LINCOLN, Y. "Introduction: The discipline and practice of qualitative research." Handbook of qualitative research, Thousand Oaks: Sage, p.1-28. 2000.
- FOUCAULT, M. Microfísica do Poder. São Paulo: Graal, 2003.
- POZATTI, M.L. Buscando a inteireza do Ser. Proposições para o desenvolvimento sustentável da consciência humana, Porto Alegre: Gênese, 2007.
- KLEINMAN, A. Patients and Healers in the Context of Cultures. An Exploration of Boderland between Anthropology and Psychiatry. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1989.
- LUZ, M.T; BARROS; N.F, (Org.). Racionalidades Médicas e Práticas Integrativas em Saúde: Estudos teóricos e empíricos. Rio de Janeiro: UERJ, IMS, LAPPIS, 201
- MENÉNDEZ, E. Modelos de atención de los padecimientos: de exclusiones teóricas y articulaciones prácticas. Ciênc. saúde coletiva vol.8 no.1 Rio de Janeiro 2003
- MERHY E.E. Saúde: A cartografia do trabalho vivo. 3a Ed. São Paulo: Editora Hucitec; 2002.
- PELBART P.P. Manicômio mental: a outra face da clausura. In: LANCETTI, A. (Org.). Saúdeloucura. São Paulo: Hucitec; 2001. p. 131-138
- SANTOS, S.M.A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. PLURAL. USP, São Paulo, v24, p214-241, 2017.
- SNYDER, M. Leaning into autoethnography: A review of heewon chang's autoethnography. The Qualitative Report, v.20 p 93-96, 2015. Disponível em: <https://nsuworks.nova.edu/tqr/vol20/iss2/9/> acesso em 11 de fevereiro de 2019.
- SOUZA, P. M. L. Projetualidades em cena. O Caps e sua função de coletivização [Trabalho de Conclusão do Aprimoramento em Saúde Mental] Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas. SP, 2009.
- Tosquelles, F. Función poética y psicoterapia: una lectura de «in memoriam» de Gabriel Ferrater. Barcelona: Octaedro, 2014.